

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

NOVEMBRO DE 2025

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



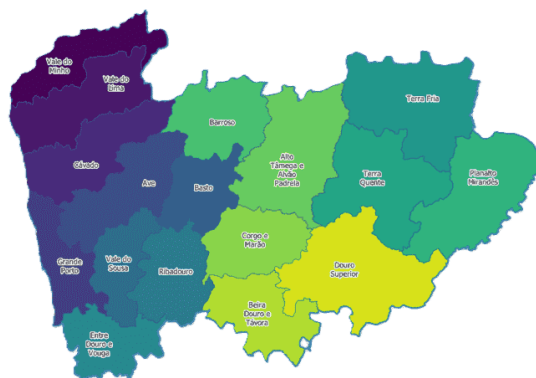
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapsiaped.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Olival em regime de sequeiro, Izeda – Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

O mês de novembro marcou a entrada no tempo de inverno, com precipitação elevada e acentuada descida das temperaturas, em particular no período noturno, com formação de geada.

Durante este mês registamos a passagem da depressão “Cláudia” por todo o país, com maior impacto no litoral centro e sul e menores estragos a norte – embora o Entre Douro e Minho tenha sofrido um pouco mais, em particular nos locais mais planos e próximos da costa.

A precipitação ocorrida tem permitido a reposição dos níveis freáticos – à superfície, mas também subterrâneos – bem como dos diferentes aproveitamentos hidroagrícolas, cujo Nível de Pleno Armazenamento se aproxima dos valores do ano anterior (muito bons). Os solos já apresentam teores de humidade que permitem a sementeira e o desenvolvimento dos cereais e das culturas forrageiras.

No mês do S. Martinho a castanha foi rainha, apresentando-se com boa qualidade em todas as Denominações de Origem da região Norte, ainda que com calibres abaixo do expectável. A colheita decorreu nas melhores condições, potenciando a qualidade do fruto e permitindo um bom rendimento aos produtores.

Na região do Entre Douro e Minho colhem-se o kiwi e o milho grão, a que se junta também a azeitona para azeite. Em Trás-os-Montes também já se labora o azeite, que se prevê venha a ser de boa qualidade, face às boas condições sanitárias da azeitona. A propósito da efeméride do [dia mundial da oliveira](#), comemorado a 26 de novembro, a capa do boletim deste mês é dedicada a essa árvore que simboliza a paz e a concórdia entre povos e que é referência maior na dieta mediterrânea. O olival tradicional em Trás-os-Montes representa todos esses valores, pelo seu papel no agroecossistema e na paisagem, pela sua importância nos laços comunitários e pela inigualável qualidade dos azeites oriundo destes sistemas de produção sustentáveis.

Os pomares e as vinhas entraram na fase final do seu desenvolvimento, com a senescência e queda das folhas, acompanhada do atempamento das varas, sendo possível encontrar várias parcelas com as podas concluídas ou em curso.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	11
2	<i>Fitossanidade</i>	16
2.1	Entre Douro e Minho	16
2.2	Trás-os-Montes	17
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	19
3.1	Entre Douro e Minho (aveia)	19
3.2	Trás-os-Montes	19
4	<i>Milho grão de Regadio</i>	22
4.1	Entre Douro e Minho	22
4.2	Trás-os-Montes	23
5	<i>Batata Hortas familiares</i>	24
5.1	Trás-os-Montes	24
6	<i>Fruticultura</i>	25
6.1	Entre Douro e Minho	25
6.2	Trás-os-Montes	29
7	<i>Vinha</i>	40
7.1	Entre Douro e Minho	40
7.2	Trás-os-Montes	42
8	<i>Olival</i>	43
8.1	Entre Douro e Minho	43
8.2	Trás-os-Montes	48
9	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	55
9.1	Entre Douro e Minho	55
9.2	Trás-os-Montes	58
10	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	62

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 1. Parcelas semeadas com culturas forrageiras de outono/inverno; à direita vemos meadas feitas de canas de milho, Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

O mês de novembro fica marcado pela passagem da depressão “Cláudia”, que trouxe consigo muita chuva, vento e trovoadas. Contudo, nos concelhos do Vale do Minho não se registaram estragos de relevo, nomeadamente a nível agrícola.



Figura 2. Caudal do rio Neiva, União de Freguesias da Ribeira do Neiva – Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 3. Ribeira de Paraduça, afluente do rio Teixeira, com forte caudal, Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia



Figura 4. Terrenos e caminhos agrícolas inundados, Carreço – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 5. Terrenos agrícolas com a capacidade de retenção de água no limite, Carreço – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

A queda de chuva provocou alagamentos nos terrenos, resultantes do aumento considerável do caudal dos rios e ribeiros, impedindo a entrada de máquinas para a realização de sementeiras das ferrãs de outono/inverno.



Figura 6. Terrenos alagados, semeados com ferrãs, União de Freguesias da Ribeira do Neiva – Vila Verde, zona de observação do Cávado
 Foto por: Maria Laura



Figura 7. Campo com sementeira de azevém, 24.11.2025, Mancelos – Amarante, zona de observação de Ribadouro
 Foto por: Joaquim Moreira

Após as temperaturas amenas do início do mês, as condições meteorológicas agravaram-se na segunda e terceira semanas de novembro, em que ocorreram geadas e chuvas mais intensas, levando a que as reservas hídricas das albufeiras situadas na zona de observação do Lima se encontrem muito elevadas.



Figura 8. Rio das Pontes, afluente do Rio Ave, antes das chuvas (10.11.2025), Sande São Clemente - Guimarães, zona de observação do Ave

Fotos por: Jerónimo Côrte-Real Santos



Figura 9. Mesmo local, mas após as intensas chuvas (15.11.2025), com acumulação de mais de 100mm de precipitação

As condições meteorológicas registadas dificultaram a realização dos trabalhos da época, nomeadamente as sementeiras de cereais, de forragens de inverno e a colheita do kiwi e da azeitona para azeite. Apesar disso, continuam bastante favoráveis para o desenvolvimento vegetativo das ervas, culturas forrageiras e pastagens.

A colheita do milho grão foi concluída antes das chuvas e decorreu em condições muito favoráveis.

Como é possível observar nas fotos 4 a 7, a grande quantidade de precipitação ocorrida provocou saturação de água nos solos, com algum encharcamento nas parcelas com maior dificuldade de drenagem, podendo vir a comprometer a germinação e desenvolvimento das culturas forrageiras semeadas pouco dias antes.

1.1 Trás-os-Montes

Em novembro o outono manifestou-se em toda a sua plenitude, com o mês a ser marcado pela passagem da depressão “Cláudia” em todo o território nacional.

No início do mês os dias foram alternando entre períodos solarengos, amenos e sem vento e outros com dias de vento forte, precipitação intensa e muita nebulosidade. As temperaturas máximas e mínimas foram superiores às normais climatológica, assim como a precipitação, já que a partir do dia 12 toda a região esteve sob influência da já referida depressão, que provocou precipitação muito intensa e de forma contínua.

O IPMA emitiu vários avisos, categorizados de diferentes cores, conforme a gravidade e o risco, com a região Norte a estar sob aviso amarelo.



Figura 10. Aviso emitido pelo IPMA para Portugal continental, no dia 14 de novembro de 2025

Apesar de tudo, na região Norte os efeitos deste fenómeno meteorológico foram menos severos que em outras regiões do país – no Sul e Centro houve trovoadas, inundações, queda de granizo, ventos fortes e até alguns tornados, que provocaram estragos de grande dimensão – com o interior Norte a ser poupado aos efeitos mais graves. Não obstante, a precipitação foi muito elevada e neste momento alguns terrenos estão praticamente saturados, com percentagens de água no solo entre os 60 e os 100%, levando a que essa água se acumule ou escorra à superfície, dependendo da inclinação das parcelas, do tipo de solo e da sua capacidade de drenagem.

A primeira quinzena registou valores de precipitação mais elevados, nomeadamente nos períodos entre os dias 5 e 7 e entre 12 e 16, onde se chegaram a registar 64mm de água num só dia (o que equivale a dizer que se acumularam 64 litros de água numa superfície plana de 1 m²).

Simultaneamente as temperaturas sofreram descidas acentuadas, registando-se amplitudes térmicas (entre as máximas e as mínimas) superiores a 10°C, com os termómetros a descerem bastante na terceira semana do mês (registando mínimas negativas), devido à passagem de uma vaga de vento polar por todo o território nacional.

A partir de dia 19, o típico frio de inverno característico do interior transmontano fez-se sentir, os arrefecimentos noturnos foram maiores e já se verificou formação de geada.

A chuva, por vezes intensas, atingiu valores elevados, que já não se registavam desde abril/maio. Neste momento os solos já dispõem de bastante humidade, pelo que a vegetação espontânea e as culturas cujo ciclo vegetativo está ativo estão agora avivadas e revigoradas. Os valores de precipitação já se revelaram suficientes para repor caudais nas linhas de água e para elevar ligeiramente os níveis das barragens e reservatórios.



Figuras 11 e 12. Barragem de Penas Roias, 11.11.2025, a cerca de 70% da sua capacidade, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 13. Barragem de Penas Roias, 15.11.2024, a cerca de 85% da sua capacidade, Penas Roias – Mogadouro
 Foto por: Miguel Martins



Figura 14. Charca impermeabilizada a não mais de 50-55% da sua capacidade, 11.11.2025, Castelo Branco – Mogadouro.
 As reservas hídricas no subsolo ainda não são suficientes para repor os níveis de água.



Figura 15. Mesma charca, praticamente no seu nível máximo de armazenamento, 18.11.2024, Castelo Branco – Mogadouro.
 Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Fria as bacias hidrográficas, as barragens, os nascentes, poços, furos e charcas estão a recuperar os níveis de armazenamento de água, aproximando-se do normal para esta época do ano. A barragem de Gostei, no concelho de Bragança, constitui uma exceção, mantendo o nível de água ainda baixo (ver fotos 16 e 17).



Figura 16. Barragem de Gostei, 20.11.2024, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 17. Barragem de Gostei, 12.11.2025, Gostei – Bragança

Em Vinhais, a barragem de Prada atingiu a capacidade de armazenamento máxima, tal como em igual período do ano anterior.

Nesta sub-região transmontana as linhas de água, permanentes e temporárias, dispõem de água corrente e, segundo os produtores, os nascentes estão a repor o nível de água, com alguns já na sua capacidade máxima. Nas agueiras dos lameiros de regadio já é visível água corrente e neste momento alguns solos já estão encharcados (nomeadamente os lameiros de aluvião).

Os cereais de outono/inverno e as culturas forrageiras estão a iniciar o seu ciclo vegetativo e apresentam-se em ótimo estado de desenvolvimento.

Neste momento decorre a apanha e transformação da azeitona.

A barragem de Temilobos, em Armamar, apresenta níveis de enchimento idênticos aos de igual período do ano anterior (ver fotos 18 e 19), com o Nível de Pleno Armazenamento a situar-se nos 52,07%.



Figura 18. Barragem de Temilobos, 26.11.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 19. Barragem de Temilobos, 19.11.2025, Armamar

Os aproveitamentos hidroagrícolas da Terra Quente registaram, durante o mês de novembro, subidas nos Níveis de Pleno Armazenamento (NPA) consonantes com os níveis de precipitação ocorrida. A barragem de Vale Madeiro (Mirandela) superou o NPA do período homólogo em 2024, embora os níveis das barragens do concelho de Alfândega da Fé ainda se situem um pouco abaixo dos valores homólogos.



Figura 20. Barragem de Vale Madeiro, 2024, Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 21. Barragem de Vale Madeiro, 2025, Mirandela



Figura 22. Barragem de Santa Justa, 2024, Alfândega da Fé
Fotos por: Paulo Guedes



Figura 23. Barragem de Santa Justa, 2025, Alfândega da Fé

Em resultado da descida das temperaturas e da elevada precipitação, a Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹ variou entre os 0,3 – 2,5mm no nordeste transmontano (distrito de Bragança) e os 0,2–1,8mm no distrito de Vila Real.

Em ambos os distritos a humidade relativa manteve-se quase sempre entre os 50 e os 100%.

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

Foi detetado um ataque de uma praga em citrinos, espalhado por toda a zona de observação do Cávado, que aparentemente se trata de Cochonilha Vermelha da Califórnia (*Aonidiella aurantii*).

Na zona de observação do Ave há registo de observações de Podridão dos Citrinos, devido a ataques de Mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*). De assinalar o sucesso resultante da utilização de cerca de 50–75 armadilhas por hectare na captura deste inseto. Estas armadilhas foram colocadas em junho/julho, com uma validade de 5 meses, o que permitiu cobrir todo o ciclo biológico da praga.

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.



Figura 24. Ataque de praga em citrinos, espalhado por toda a região, parecendo Cochonilha Vermelha da Califórnia, Terras do Bouro, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Foram ainda observados ataques de Traça da Batata (*Phthorimaea operculella*) e de Lagarta das Couves (*Pieris brassicae*).

A Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu a Circular 15/2025 no dia 13 de novembro, com o ponto de situação sobre as pragas e doenças que afetam a cultura da vinha na perspetiva da sintomatologia, apresentando medidas de luta cultural preventivas. Foram também emitidos alertas sobre sintomas de doenças nas culturas do castanheiro, pomóideas, batateira, hortícolas e ornamentais, numa perspetiva de prevenção, como é próprio desta época do ano.

2.2 Trás-os-Montes

O olival da Terra Fria, com maior representatividade em Izeda, Rebordelo, Milhão, Rio Bom, Coelhoso e Babe, apresenta um estado sanitário globalmente bom. Contudo, pontualmente é possível observar frutos picados pela Mosca da Azeitona (*Dacus oleae*), que provoca estragos, depreciando a azeitona em termos quantitativos e qualitativos. A generalidade dos produtores desta área de observação declara não ter feito qualquer tipo de aplicação de produto fitossanitário para esta praga, uma vez que não se justifica – em termos económicos.

Estamos perante um ano em que a azeitona, apesar de ser em menor quantidade, se apresenta em bom estado vegetativo e com boa qualidade, o que se traduzirá num bom azeite.

Relativamente à castanha, este produto continua a apresentar qualidade, mas à medida que a campanha avança aumentam a taxa de bichado e de podridão. Após a intensa precipitação deste mês, a castanha começou a rachar, deprecando o seu consumo em fresco.

No que toca à noz, e segundo declarações dos produtores e dos comerciantes locais, o produto tem apresentado boa qualidade ao longo de toda a campanha, com as percentagens de defeito nas amostras realizadas até à data a dar resultados baixos para o bichado, assim como para a podridão, podendo significar que o produto é de boa qualidade.

Na Terra Quente há registo de agricultores que realizaram aplicações de produtos à base de cobre nos soutos e nos olivais, como medida de proteção/prevenção contra potenciais infeções provocadas por fungos durante o período de outono/inverno. Também é possível encontrar algumas azeitonas perfuradas em resultado de ataques de Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*).



Figura 25. Azeitonas com sinais de ataque de Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*)

Foto por: Paulo Guedes

A Estação de Avisos da Terra Quente emitiu, a 10 de novembro, a Circular 04/2025 com alertas pertinentes para as culturas da amendoeira e da oliveira, nomeadamente quais os cuidados a ter com as pragas e doenças que afetam as árvores nesta fase e quais os melhores meios de prevenção/luta que os produtores podem utilizar.

A 19 de novembro, a Estação de Avisos do Douro e a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiram, respetivamente, a Circular 11/2025 e a Circular 13/2025, centradas nos cuidados a ter no controlo de fungos associados às doenças do lenho da videira – Esca, Eutipiose e Botriosferiose – especialmente no que diz respeito à poda. Na Circular 13/2025 encontramos também informação relativa às operações pós-colheita na cultura do castanheiro.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 *Entre Douro e Minho (aveia)*

Uma vez que a época normal de sementeira decorre entre janeiro e março, é ainda muito cedo para termos uma previsão de áreas semeadas. Contudo, já há registos de algumas sementeiras, nomeadamente na zona de observação do Cávado.

É previsível, no entanto, que haja redução da área semeada (-2%), por comparação com o ano passado, uma vez que a procura tem diminuído.

3.2 *Trás-os-Montes*

Apesar de atrasada, a maior parte dos terrenos destinados à sementeira de cereais no Planalto Mirandês já foi semeada. O atraso deveu-se inicialmente ao nível de secura dos solos e, posteriormente, à ocorrência de elevada precipitação.

A maioria da área foi reservada para a cultura da aveia, seguida do trigo, tritcale e centeio e a sementeira decorreu sem problemas, pois os solos continham água, mas não em excesso. De acordo com a informação de alguns produtores, estima-se que a área semeada seja semelhante à de 2024, estando neste momento reunidas as condições meteorológicas para a germinação e desenvolvimento dos cereais.



Figura 26. Parcela de aveia com germinação ainda recente, praticamente impercetível na foto, Prado Gatão – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 27 e 28. Parcela de trigo, com pormenor do aspeto atual, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 29 e 30. Parcela de tritcale germinado, com pormenor do aspeto atual, Tó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Por toda a Terra Fria, as culturas cerealíferas já foram semeadas, com as sementeiras a decorrer de forma faseada – inicialmente os produtores realizaram as operações culturais de preparação do solo e semearam a aveia. Numa fase seguinte foram semeadas as restantes culturas cerealíferas, uma vez que a precipitação constante e intensa obrigou à interrupção do processo, tornando difícil a continuidade da sementeira dos centeios e do trigo, realizada sempre à *posteriori* da aveia.

Neste momento os solos apresentam muita humidade, sendo possível observar a aveia e o centeio germinado e em bom estado vegetativo – de recordar que estas searas foram semeadas no final de outubro/início de novembro.

Por aquilo que se observa, consubstanciado pelas declarações dos comerciantes locais, a quantidade de sementes vendida foi semelhante à do ano anterior, o que indica que a área semeada de cereais praganosos na Terra Fria será também semelhante.

Também se prevê que a área de aveia seja a mesma que na campanha anterior, sendo que grande parte tem como destino o aproveitamento forrageiro.

Ainda segundo os comerciantes locais, os típicos adubos usados nas adubações de fundo nos cereais não tiveram grande procura, tendo sido vendida menor quantidade de fertilizantes, quando comparado com anos anteriores, e muito menos do que seria necessário para a área semeada.

Os produtores de animais são os que semeiam maior área de cereal, com o objetivo de obterem alimento para os efetivos pecuários, uma vez que os concentrados continuam com preços elevados. A tendência, na área em análise, aponta para um declínio das culturas cerealíferas, face à baixa valorização do produto final.

Na Terra Quente as sementeiras têm decorrido com normalidade e a área semeada será sensivelmente a mesma do ano anterior, embora se verifique a rotação de parcelas.

4 Milho Grão de Sequeiro e Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

No que respeita ao milho de regadio, as colheitas estão terminadas, tendo sido realizadas com condições climáticas muito favoráveis.



Figura 31. Parcela com 18,6 hectares de milho grão, semeada no final de junho, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

Há áreas residuais por colher, nomeadamente das sementeiras realizadas de forma tardia em solos junto a linhas de água.

As condições de secagem durante este mês não foram boas, devido aos frequentes períodos de chuva, mantendo-se a humidade relativa muito elevada.

Nos terrenos encontra-se o restolho, deixado para produção de matéria orgânica.

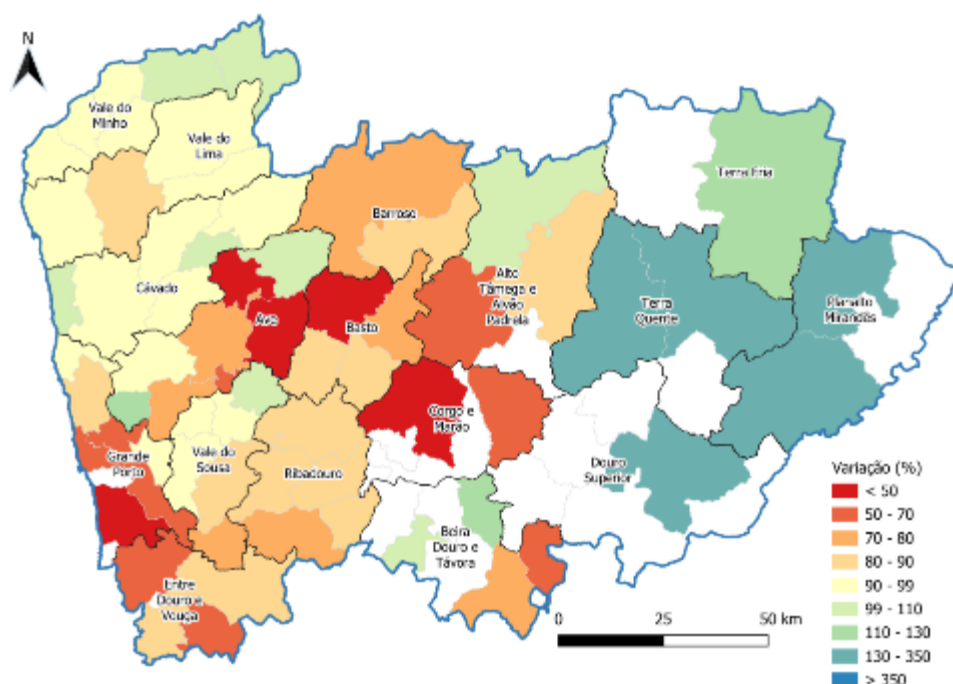
Prevê-se uma diminuição da produção de milho para grão em regime de regadio (-4%), quando comparado com o ano transato.

4.2 Trás-os-Montes

Tal como referido no Boletim anterior, e apesar do período seco que atravessaram, as parcelas de milho observadas no Planalto Mirandês apresentavam/apresentam um bom estado de desenvolvimento vegetativo. A carência de água registada até meados do mês de outubro não teve impacto significativo nesta região.



Figuras 32 e 33. Cultura de milho e aspeto da maçaroca, respetivamente, Vale de Porco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Mapa 1. Evolução da produção de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

5 Hortas familiares

5.1 Trás-os-Montes

Algumas das culturas que mais beneficiam do período frio e chuvoso que atravessamos são as couves e as nabiças.

Um pouco por todo o lado encontramos parcelas verdejantes, com as couves pencas no seu expoente máximo e com os grelos e nabiças também prontos a colher.

Estas culturas são aproveitadas para a alimentação humana, mas também para a alimentação animal e ainda como precedente cultural, nas parcelas a plantar com batatas no próximo ano.



Figura 34. Horta com grelos, 09.11.2025, Vila Real
Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 35 e 36. Hortas com couves, grelos e feijão,
19.11.2025, Armamar

6 Fruticultura

6.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (kiwi)



Figura 37. Colheita do kiwi, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Decorre a colheita nos pomares de kiwis, uma vez que foi atingido o grau °Brix (teor de açúcar da fruta) indicador do estado ótimo de colheita.

No kiwi verde, a variedade dominante é a “Hayward”. O kiwi “Arguta” e “Amarelo” foram colhidos em agosto e outubro, respetivamente. Os principais clientes/compradores na região são, a norte do Rio Douro a KiwiGreenSun e a sul a KiwiCoop (Cooperativa Frutícola da Bairrada).

A estimativa aponta para um aumento da produção (+13%), por comparação com o ano passado. A entrada em produção de novos pomares contribui para este aumento de produção.

A produção é muito variável entre as diferentes zonas de observação, pois em muitas geografias o período de abertura das flores femininas coincidiu com períodos de precipitação, causando dificuldades de polinização (os insetos polinizadores não estão ativos nessas condições) e diversas podridões.

Também ocorreu dessincronização na polinização, já que as flores femininas abriram primeiro que as flores masculinas. Estas condições, em conjunto, justificam o decréscimo de produção em vários locais da sub-região do Entre Douro e Minho.

Há a registar, na zona de observação do Grande Porto, uma tempestade de granizo que causou danos físicos nos kiwis. Os estragos afetaram folhas, varas e frutos.



Figuras 38 e 39. Prejuízos causados pelo granizo, nos pomares de kiwi em Vila do Conde, zona de observação do Grande Porto

Fotos por: Alexandre Torres

O calibre dos frutos é bastante heterogéneo e a expectativa dos produtores é que, face a um ano de baixa produção (2024), os preços sejam iguais ou superiores aos do ano passado. Alguns produtores afirmam que, apesar da fraca produção do ano anterior, tiveram o maior rendimento de sempre.

A colheita está a ser realizada com recurso a mão-de-obra local e de emigrantes, maioritariamente nepaleses.



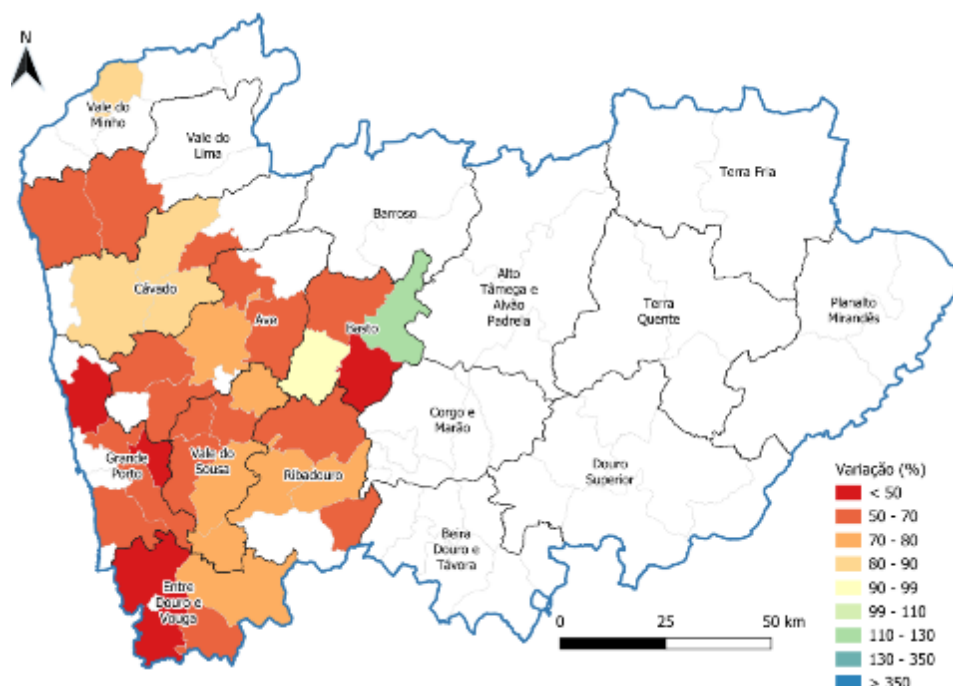
Figura 40. Fruto de bom calibre, em pomar conduzido em pérgula, Gondomar, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia



Figura 41. Fruto de bom calibre, em pomar conduzido em pérgula, Gondomar, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia



Mapa 2. Evolução da produção do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Nogueiras, Castanheiros

Verificou-se a antecipação da colheita de noz, em relação ao ano anterior, contabilizando-se maior quantidade de fruto. Contudo, a noz não tem o peso na proporção da sua quantidade, provavelmente devido aos ataques de Mosca da Casca Verde (*Rhagoletis completa*) e problemas de Bacteriose (*Xanthomonas campestris pv juglandis*). A previsão é para um aumento da produção (+4%), em relação ao verificado no ano passado.

No que diz respeito à castanha, as variedades híbridas (“Marigoule”, “Bouche de Bétizac” e “Marsol”) não foram tão afetadas, mas a tradicional “Amarelal” apresentou uma produção fraca na zona de observação do Lima. A seca no verão impediu que o fruto se formasse ou desenvolvesse corretamente, sendo comum encontrar ouriços sem fruto. Apesar das previsões apontarem para um bom ano, acabou por acontecer o contrário.

Verificou-se uma produção ligeiramente superior à da última campanha (+1%), com castanhas de menor calibre, mas de boa qualidade.

Quanto à comercialização, o ano acabou por ser favorável, estimulado pela procura do mercado e pela boa qualidade da castanha, que apresentou poucos problemas fitossanitários.

A título de exemplo, e apesar dos calibres não serem grandes, a castanha “Amarelal” foi vendida entre os 1,75 – 1,80€/kg na zona de observação do Lima.



Figura 42. Plantação de castanheiros com 6 anos, com produção ainda baixa, Cornes – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

6.2 Trás-os-Montes

Nogueiras, Castanheiros

A campanha de recolha da noz já começou e neste momento os produtores estão a terminar o processamento do fruto em armazém.

Segundo os comerciantes locais, os secadores já foram desligados e neste momento está a ser realizada a calibragem e o acondicionamento, prevendo-se que as trocas comerciais estejam concluídas até ao final do mês – uma vez que ainda existe procura por este produto. Os comerciantes declaram que a região não produz noz suficiente para satisfazer a procura de mercado.

Estamos perante um produto de excelência, com bons calibres, ótima qualidade de miolo e em boas condições fitossanitárias, visto que durante toda a campanha a taxa de defeito nas amostras efetuadas foi baixa.

No fim da campanha da colheita, o excesso de precipitação dificultou o processo e elevou os custos de secagem da noz, pois a humidade do fruto e a humidade relativa eram muito elevadas. A necessidade de calor e de choque térmico pela ação do frio à casca da noz foram mais elevadas.

Se compararmos com o ano anterior, esta campanha foi ligeiramente mais produtiva, apesar dos calibres serem inferiores. Estima-se que cerca de 40% da produção total corresponda a calibres >30mm e o restante a calibres inferiores, com a taxa de defeito a rondar os 7%.



Figura 43. Pomar de nozes após a apanha, Quintela - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 44. Souto de castanheiros, Vinhais

Na Terra Quente a campanha também decorreu com normalidade, com melhor produção que no ano anterior, apesar de se verificarem alguns problemas fitossanitários (com Bichado).

Durante o mês de novembro decorreu a colheita de castanha um pouco por toda a região transmontana, com maior impacto nos concelhos das Denominações de Origem Protegida dos Soutos da Lapa, da Terra Fria e da Padrela.

Face às condições meteorológicas dos meses anteriores e ao stress hídrico a que as plantas estiveram sujeitas, a colheita começou um pouco mais tarde que o habitual, com o calibre dos frutos a refletir essas mesmas condições adversas.

As variedades cujos frutos têm tradicionalmente maiores calibres, como é o caso da Martaíinha, tiveram este ano alguma quebra de tamanho e de produtividade, mas a qualidade foi boa, sem ocorrências sanitárias relevantes.

A colheita iniciou-se com tempo seco, embora no período final tenha sido um pouco afetada pela precipitação decorrente da depressão “Cláudia”.

No Planalto Mirandês a campanha da castanha decorreu durante o mês de novembro, com os produtores a serem surpreendidos pelo baixo calibre de grande parte dos frutos. Apesar de se encontrarem em bom estado vegetativo, sem registo de pragas ou doenças, este ano surgiram com frequência castanhas muito pequenas, ao que tudo indica devido à falta de água que se fez sentir até meados do mês de outubro.



Figuras 45 e 46. Jovem castanheiro e aspeto dos ouriços e das castanhas, Bruçó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Nesta região, a apanha do fruto é realizada pelo tradicional processo manual, sendo por isso mais demorada e levando, em alguns casos, ao abandono do fruto na árvore ou no chão – o processo é demasiado trabalhoso e pouco recompensador.



Figuras 47 a 49. Parcela de castanheiros e pormenor dos ouriços e das castanhas, Bruçó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 50 e 51. Exemplo de castanhas de pequeno calibre e outras ainda de menor tamanho deixadas no chão, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Fria a colheita também ficou concluída este mês, sendo possível observar em campo alguns produtores a fazer a última passagem nos soutos.

Estamos perante uma campanha razoável, embora menos produtiva cerca de 30% em relação ao que seria expectável, com os calibres em todas as variedades a ser, de modo geral, mais pequenos que o normal.

O produto apresenta boas condições fitossanitárias, apesar da taxa de defeito aumentar ao longo da campanha – as amostras realizadas apresentam mais castanha rachada, bichada e podre.

As trocas comerciais decorrem com normalidade e o produto está a seguir a cadeia de comercialização normal, sem percalços.

Os principais comerciais e os responsáveis pelas unidades de transformação e comercialização declaram que existe falta de castanha, nomeadamente nas variedades “Judia” e “Longal”. Nesta zona de observação a procura é elevada e a oferta foi globalmente mais baixa.

Os produtores referem que a passagem da depressão “Cláudia” dificultou a operacionalização das máquinas e por isso todo o processo de colheita.



Figura 52. Aspeto da castanha da variedade “Longal”, após calibração, Sobreiró - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Esta campanha a produtividade e a produção total serão idênticas às da campanha anterior, estando longe de ser um ano de excelência para a região.

Verificam-se áreas de plantações novas a entrar em produção e um melhor aproveitamento do produto no momento da apanha, visto que este ano a qualidade é muito superior, se compararmos com anos anteriores. Os preços são também superiores aos da última campanha.

No Douro Sul, tal como era espectável, a campanha de colheita da castanha foi mais curta que em anos anteriores, tendo começado no final de outubro e terminado na terceira semana de novembro.

Este foi um ano sem grandes ocorrências fitossanitárias, com a castanha colhida a apresentar elevados padrões de qualidade, pese embora os calibres tenham sido mais reduzidos.

Embora ainda decorra a campanha de comercialização nos armazenistas da região, estima-se que a quantidade transacionada se situe perto dos 50% da campanha anterior, refletindo as quebras de produtividade e produção resultantes dos incêndios e do stress hídrico do período estival - em particular nos concelhos de Penedono, Sernancelhe e a sul dos concelhos de São João da Pesqueira e Tabuaço.

Para além disso, e tal como em outras regiões, alguns produtores optaram por deixar no chão a castanha mais miúda, cuja rentabilidade da venda não justifica o custo de mais uma “volta” na apanha.



Figuras 53 e 54. Castanhas de pequeno calibre deixadas no chão, 19.11.2025, Armamar

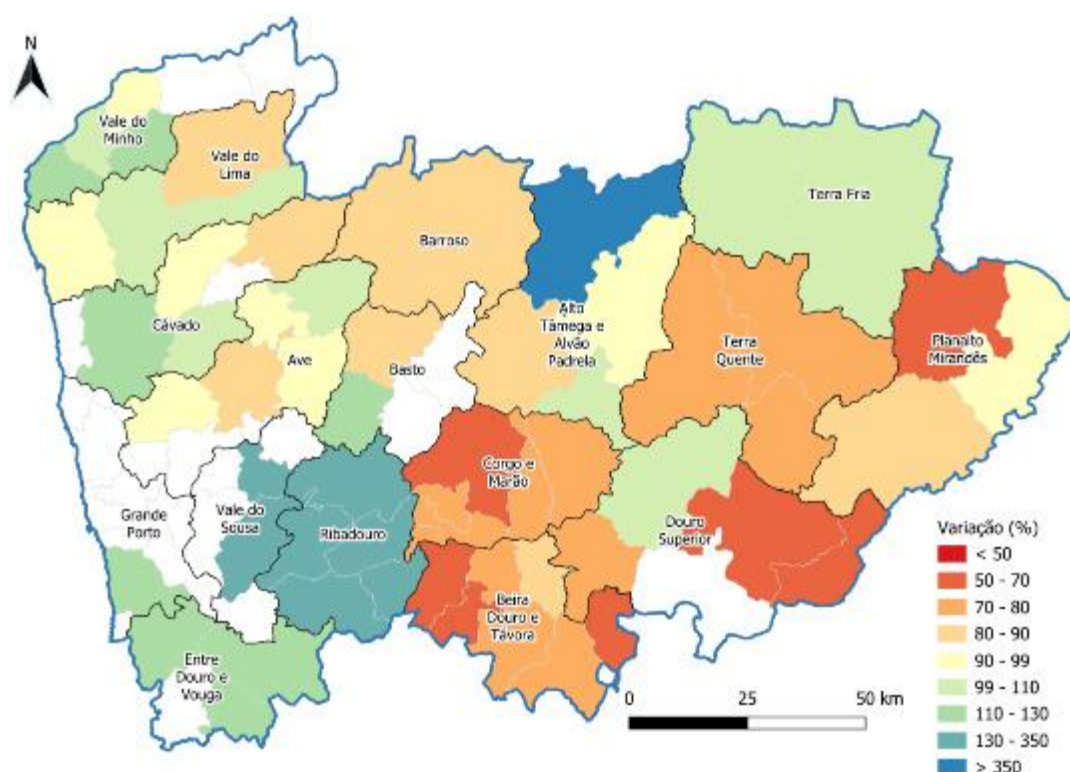
Fotos por: Suzana Fonseca

Ao longo do mês decorreram as já tradicionais Feiras da Castanha (Vinhais, Vila Pouca de Aguiar e Valpaços), que permitiram não só a divulgação do produto local, mas também o escoamento de boa parte da produção e a preços mais favoráveis (quer para os produtores, quer para os consumidores finais).

Neste momento os castanheiros já estão na fase de senescência das folhas, embelezando a paisagem com as tonalidades típicas do outono na região.



Figura 55. Souto de regadio em plena senescência das folhas, após a queda/colheita das castanhas, 19.11.2025, Armamar
 Foto por: Suzana Fonseca



Mapa 4. Evolução da produção da castanha por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Pomóideas, Prunóideas

Ao contrário de todas as expectativas iniciais, a colheita de maçã na região do Douro Sul atingiu valores interessantes do ponto de vista quantitativo, embora grande parte da produção tenha sido encaminhada para refugo devido a problemas sanitários – essencialmente Pedrado (*Venturia inaequalis*) e Bichado (*Cydia pomonella*).

Na região é possível encontrar várias plantações deste ano, resultado de novas áreas ou de algumas reconversões de pomares antigos.



Figura 56. Jovem pomar de macieiras, instalado em 2025, na proximidade da barragem de Temilobos, 20.11.2025, Armamar
Foto: Cortesia de Alcina Oliveira



Figura 57. Jovem pomar de macieiras, instalado em 2025, 19.11.2025, Lumiães - Armamar
Foto por: Suzana Fonseca

A variedade com produtividades mais baixas foi a “Royal Gala”, enquanto a “Golden Delicious” atingiu valores mais elevados.

Após a colheita, os produtores deram continuidade aos trabalhos de campo, pelo que é possível encontrar vários pomares a ser podados.



Figuras 58 e 59. Pomares de macieiras já podados, 19.11.2025, São Martinho das Chãs – Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Em termos sanitários, consideramos ser um pouco cedo para realizar esta operação, por vários motivos. Por um lado, as árvores ainda não perderam as folhas nem entraram em repouso vegetativo, pelo que a poda antecipada representa perda dos nutrientes que se encontram nas copas. Por outro lado, a elevada humidade no ar e no solo potencia a transmissão de alguns patógenos através das feridas de poda, aumentando o risco de infeções.

Durante as chuvas fortes deste mês, a cobertura vegetal na entrelinha dos pomares permitiu fixar a terra nas parcelas, evitando o encharcamento e minimizando a lixiviação dos solos e a consequente perda de nutrientes (ver fotos 60 a 62).



Figuras 60 a 62. Revestimento vegetal em pomares de macieiras, 19.11.2025, Armamar (esq.), Britiande – Lamego (centro) e Lumiares – Armamar (dir.)

Fotos por: Suzana Fonseca

No Planalto Mirandês também começamos a encontrar alguns pomares extremos de pomóideas, com particular incidência nas macieiras. De forma semelhante a 2024, estes pomares apresentam-se em boas condições, providenciando frutos durante quase três meses.



Figuras 63 e 64. Pomar de macieiras e aspeto das maçãs, respetivamente, Azinhoso – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Também os pomares de prunóideas começam a ser objeto de intervenções, uma vez que a folhagem se encontra em fase de senescência. Alguns produtores aproveitaram os dias sem chuva para promover o corte/arranque de árvores antigas, que serão substituídas por outras mais novas, eventualmente com variedades mais produtivas.



Figura 65. Pomar de cerejeiras em plena queda da folha, 19.11.2025, Britiande - Lamego

Foto por: Suzana Fonseca



Figuras 66 e 67. Corte de cerejeiras antigas (esq.), para posterior plantação de árvores novas (dir.), 19.11.2025, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

7 Vinha

7.1 *Entre Douro e Minho*

Produção de mosto e funcionamento das adegas



Figura 68. Vinha da casta “Alvarinho”, no início do atempamento da vara, Verdoejo – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Na zona do “Alvarinho”, a previsão é de um aumento de cerca de 11% na produção de uva para vinho, em relação ao ano passado. Destaca-se a boa qualidade das uvas produzidas, com graduações médias idênticas às do ano anterior. No que respeita a comercialização, as adegas cooperativas e os produtores engarrafadores não têm tido problemas de escoamento do vinho, embora estejam conscientes da probabilidade desta sub-região ser atingida pelos mesmos problemas que afetam outras regiões.

Na zona de observação do Lima, de uma forma geral observam-se vinhos com boa qualidade. O funcionamento das adegas e do processo de laboração do vinho correu normalmente e de forma organizada.

Na zona de observação do Cávado as adegas cooperativas deram por finalizados os trabalhos da vindima no início do mês de novembro. Em relação às perspetivas de comercialização, o mercado nacional estagnou e prevê-se que o destino seja a exportação, onde os vinhos provenientes de castas brancas assumem maior relevância, relativamente aos provenientes de castas tintas, que quase não têm significado.

Na zona de observação do Ave verifica-se a procura do mercado global a diminuir, sendo que a exportação tem aumentado, ainda que não chegue para cobrir a diminuição da procura do mercado interno.

Na zona de observação de Ribadouro e Sousa, as vindimas decorreram em condições climatéricas muito favoráveis e promoveram uvas de muito boa qualidade, que resultaram em mostos com teor alcoólico elevado, acidez equilibrada e tendencialmente menos aromáticos – devido à menor amplitude térmica diária.

Na zona de observação do Entre Douro e Vouga, o escoamento do vinho da Adega Cooperativa de Vale de Cambra é assegurado através do engarrafamento e venda ao público, da venda a granel à Vercoope (Adegas Cooperativas da Região do Vinho Verde) e da venda a outros compradores. O preço pago pela Vercoope cobre os custos de produção da Adega, mas não permite aumentar o preço pago ao produtor pelas uvas.

O escoamento do vinho tem vindo a diminuir, o que cria grandes preocupações nas diferentes tipologias de produtores. Os que vendem a granel têm sentido muita dificuldade em escoar a produção (por vezes só vendem o vinho em setembro, próximo da vindima do ano seguinte) e o preço mantém-se igual há muitos anos, gerando diminuição do rendimento dos vitivinicultores. Isto acontece não só devido à conjuntura económica atual, mas também devido à enorme concorrência no mercado.

Neste momento decorre a época de funcionamento dos alambiques, para a destilação de bagaços.

A previsão global aponta para um aumento da produção de uvas para vinho (+4%), em comparação com o ano passado.

7.2 Trás-os-Montes



Figura 69. Vinha pertencente ao Palácio de Mateus, na fase final do seu ciclo vegetativo, 21.11.2025, Mateus – Vila Real
 Foto por: Suzana Fonseca

Após a conclusão das vindimas, e à semelhança do que acontece nas pomóideas, alguns produtores já deram início às podas das videiras. Pelos motivos apresentados no capítulo anterior, relacionados com questões fitossanitárias e com o mau atempamento das varas, considera-se ser ainda cedo para a realização dessa operação.



Figuras 70 e 71. Vinhas podadas no Baixo Corgo, 19.11.2025, Cambres – Lamego (esq.) e Vilarinho dos Freires – Peso da Régua (dir.)

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 72. Paisagem duriense de outono, com culturas tipicamente mediterrânicas – vinha, olival e figueiras da Índia, 19.11.2025, Cambres – Lamego

Foto por: Suzana Fonseca

8 Olival

8.1 *Entre Douro e Minho*

Na zona de observação do Minho ainda decorre a colheita de azeitona para azeite, uma vez que não foi possível terminá-la durante este mês, em resultado das condições meteorológicas adversas. Regista-se grande dificuldade dos produtores em fazer marcação nos lagares mais próximos, nomeadamente Ponte da Barca ou Barcelos, tendo conhecimento de situações pontuais que recorreram a lagares de Trás-os-Montes.

A qualidade do azeite está a ser muito boa e o rendimento da azeitona é superior ao normal.

Na zona de observação do Lima esperam-se produções muito superiores às do ano anterior, com muitos dos agricultores que em anos anteriores deixaram de colher a azeitona (devido à escassez de fruto e ao esforço exigido pela colheita) a retomar este ano a atividade. O preço elevado do azeite constitui um incentivo adicional para esta retoma.



Figura 73. Colheita manual da azeitona no vale do Minho, Nogueira – Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

No lagar de Bravães, apesar de ter aberto mais cedo que no ano anterior, já existem marcações até meados de dezembro. No entanto, a afluência de agricultores continua a ser elevada e mantêm-se as filas de espera para marcação e transformação.

Quanto à qualidade do azeite, até ao momento tem sido considerada boa – nesta zona de observação as variedades predominantes são a “Verdeal” e a “Galega”.

Na zona de observação do Cávado, observam-se oliveiras com mais frutos em crescimento.

Aqui a abertura dos lagares ocorreu mais cedo, devido ao encerramento de dois lagares na zona de observação do Lima. As agendas também estão completas de marcações, mas, no entanto, também vão laborar azeitona de outras regiões – nomeadamente de Trás-os-Montes – para satisfazer as necessidades dos clientes habituais para a época Natalícia e para o consumo anual.

Por outro lado, tiveram de recusar azeitona na receção do lagar, por esta se encontrar suja e podre e/ou em mau estado sanitário.

Na zona de observação de Ribadouro e Vale do Sousa, estima-se uma produção elevada e muito superior à da última campanha. As chuvas que ocorreram nas últimas semanas provocaram alguma mumificação e queda de azeitona, em consequência de ataques de “Gafa”. Atentos à previsão de períodos de chuva, os produtores anteciparam o início da colheita da azeitona, como forma de proteção contra os ataques da doença e pressionaram o início da laboração das azenhas. Contudo, essas condições têm prejudicado o rendimento e a qualidade do azeite.

Nesta data, todas as azenhas desta zona de observação estão em plena laboração e com agendamentos a estenderem-se até à primeira semana de janeiro de 2026.

Alguns destes lagares de azeite também estão a ser procurados por produtores da sub-região do Minho.

Na zona de observação do Entre Douro e Vouga, o olival encontra-se em socalcos, em pequenas porções de terreno, coexistindo com outras culturas agrícolas e florestais, em sistema de mosaico.



Figuras 74 e 75. Lagar de azeite em Resende, 24.11.2025, zona de observação de Ribadouro

Fotos por: Joaquim Moreira

Dominam as árvores nas bordaduras dos campos, coexistindo com pequeníssimos pomares ordenados – a recolha de dados em campo indica uma densidade aproximada de 80 árvores por hectare.

São pequenos e médios produtores que cultivam variedades tradicionais, em regime de sequeiro, em olivais pouco produtivos e muito exigentes em mão-de-obra.

A colheita manual é realizada pelo método de “Ripagem” (com as mãos ripam-se os ramos, com a azeitona a cair nos toldos).

Simultaneamente à colheita, realiza-se uma poda de renovação das árvores, evitando que cresçam demasiado e abrindo-as, para permitir a inserção de luz solar e a circulação de ar.



Figura 76. Colheita manual pelo método de “Ripagem”, em oliveiras de bordadura em campo de milho, Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia



Figura 77. Colheita manual em pequeno olival ordenado (800m²), Vale de Cambra, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

No concelho de Arouca há alguns olivais de maior dimensão, de regadio, com boas práticas culturais, nomeadamente a realização de tratamentos fitossanitários, que atingem produtividades superiores.

O aumento da temperatura antecipou o processo de maturação e a variedade “Galega” iniciou esse processo ainda em outubro.

A colheita prolonga-se no tempo, com o armazenamento da azeitona a ser realizado em sacos ou em água, mas sem o cuidado na sua renovação. O azeite que daí resulta tem baixo rendimento (na ordem dos 10%) e elevada acidez.

No lagar da freguesia de Arões, em Vale de Cambra, o início da laboração ocorreu em meados de novembro e prevê-se que termine a 15 de dezembro.

O aumento da produção é justificado pela recolha de campo (olival tradicional de sequeiro, em bordadura e pequenos olivais ordenados), tendo em consideração 3 níveis de produtividade das oliveiras – baixo 4kg, médio 12kg, elevado 40kg – e a densidade de 80 árvores por hectare (num total de 1493 kg/hectare). Este ano registam-se oliveiras a dar 120kg.

Muitos produtores não realizam tratamentos fitossanitários e por isso dizem que a azeitona é biológica. No entanto, a maior parte da azeitona chega ao lagar atacada pela Mosca (*Bactrocera oleae*) e pela Gafa, com os orifícios da picada da Mosca a funcionarem como uma porta aberta para a entrada de microrganismos, como fungos e leveduras, responsáveis pela diminuição da qualidade do azeite, devido ao aumento da sua acidez.

O ataque generalizado de Gafa é causado por um conjunto de fungos que provocam manchas deprimidas arredondadas e acastanhadas, com aspeto oleoso e que se vão alastrando, levando à desidratação da azeitona (fica “engelhada”), que acaba por cair.

Uma vez que a floração ocorreu em boas condições e que se confirmou um bom vingamento, a previsão é para um aumento de produção de azeite no EDM na ordem das 2,63 vezes, por comparação com o ano passado. Confirmam-se assim as expectativas do Boletim de outubro, com possibilidade de a produção ainda ser maior do que a prevista na altura.

8.2 Trás-os-Montes

Em novembro, para além de se dar seguimento à colheita da azeitona de conserva, deu-se início – um pouco por toda a região – à apanha da azeitona para azeite.

A precipitação ocorrida no mês passado e durante este mês ainda teve algum impacto na maturação e “enchimento” da azeitona e os produtores estão expectantes para ver se esse impacto se reflete no rendimento em azeite.

Como vem sendo hábito nos últimos anos, a azeitona começou a ser colhida ainda em verde, antes da maturação completa, contribuindo para a obtenção de azeites mais perfumados, com menor acidez e maior qualidade – organolética, mas também nutricional.

No Planalto Mirandês a azeitona de mesa viu cair a produtividade, face aos valores da campanha de 2024, estimando-se que a azeitona para azeite tenha o mesmo comportamento.

A qualidade “Negrinha”, que outrora seria utilizada para a produção de azeite juntamente com outras variedades, foi encaminhada para o mercado da conserva (para o qual tem maior aptidão), pois o fruto caía com muita facilidade, em especial com a ajuda da chuva e dos ventos fortes que se fizeram sentir nas últimas semanas.

Como foi referido no Boletim anterior, variedades como a “Madural”, “Cobrançosa” e “Santulhana”, mais utilizadas na produção de azeite, apresentam uma grande heterogeneidade nos olivais, onde encontramos árvores com muito fruto, pouco fruto ou com produção quase nula.

Neste momento a azeitona existente apresenta-se em bom estado vegetativo, a amadurecer, apesar de em determinados locais (nas arribas) padecer até há bem pouco tempo de falta de água, com frutos menos desenvolvidos e “enrugados” – entretanto recuperados. No cômputo geral, prevê-se uma descida na produção para a campanha atual.



Figuras 78 e 79. Exemplo de duas parcelas de olival contíguas – uma com produção quase nula e a seguinte com produção média a boa, Vale de Porco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 80 e 81. Pormenor de azeitonas, Vale de Porco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 82 e 83. Duas jovens oliveiras da mesma parcela, com distintos níveis de produção: boa (esq.) e nula (dir.), Vilarinho dos Galegos – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 84 e 85. Oliveira e aspeto da sua azeitona, Vilarinho dos Galegos – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Também na Terra Fria podemos encontrar produtores a realizar a apanha da azeitona, que se encontra a terminar o seu ciclo vegetativo. As principais unidades de transformação deste produto iniciaram este mês a laboração, com o lagar de Izeda a ser um dos primeiros, logo a partir de dia 20 de novembro, a que se seguiram as restantes, em Sanceriz, Rebordelo e Bragança.

Todas as unidades iniciaram um pouco mais tarde a transformação da azeitona (cerca de 5 dias) face à campanha anterior. Segundo declarações dos olivicultores e dos responsáveis pelos lagares, corroboradas pelas observações em campo, os frutos das variedades “Madural”, “Cobrançosa” e “Santulhana” já estão bem maduros e caem com

facilidade, enquanto a variedade “Verdeal” ainda tem dificuldade em se soltar do pedúnculo.

O rendimento médio, no início da campanha e na principal unidade de transformação é, segundo a Técnica responsável, de 17%. No entanto a amostra ainda é pequena e maioritariamente composta por azeitona da variedade “Santulhana”.

No geral, e para a Terra Fria, estima-se menor produção e produtividade que na campanha anterior, apesar da grande heterogeneidade. Nas parcelas localizadas em cotas mais elevadas há mais azeitona do que nas cotas mais baixas e as variedades onde se observa mais azeitona são a “Madural”, a “Cobrançosa” e a “Verdeal”, com a “Santulhana” a registar maior heterogeneidade.



Figuras 86 e 87. Aspeto da azeitona em olival tradicional em regime de sequeiro (esq.) e do azeite da Terra Fria, Izeda - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Tal como nas restantes regiões transmontanas, na Terra Quente também decorre a colheita da azeitona, entregue nos inúmeros lagares onde é transformada em azeite, verificando-se uma melhoria da qualidade do fruto, por ausência da “Gafa”. A maturação atrasou cerca de 2 semanas e as quantidades colhidas são bastante inferiores, embora os rendimentos sejam normais.

Continua a verificar-se uma grande heterogeneidade entre zonas, e em muitos casos entre olivais vizinhos, no que diz respeito à “carga de fruto” por árvore, sendo que os olivais que dispõem de sistema de rega têm boa quantidade de azeitona.



Figuras 88 e 89. Olivais no concelho de Mirandela, em regime de sequeiro e sem produção (esq.) e em regime de regadio com excelente produção (dir.)

Fotos por: Paulo Guedes

A precipitação dos últimos meses permitiu uma ligeira recuperação em algumas zonas onde os calibres da azeitona eram mais pequenos, levando-nos a rever em alta as previsões iniciais. Contudo, a estimativa global de produção para esta região aponta para uma quebra na ordem dos 35%, por comparação com a produção do ano anterior.

Em toda a região de Trás-os-Montes, a apanha de azeitona em oliveiras centenárias é especialmente difícil, pois não é possível adaptar nenhum sistema mecânico ao processo. As máquinas de apanha por vibração não conseguem abraçar os troncos (devido ao seu grande diâmetro) e a apanha semimecânica, realizada com vibradores de dorso, também não produz resultados, uma vez que a azeitona está demasiado alta e não existem ramos onde seja possível engatar a ponta da máquina.

É por isso necessário recorrer ao método tradicional de apanha manual – varejamento – que acarreta custos muito elevados e exige muita mão-de-obra (escassa). Este método implica subir às oliveiras para realizar a vareja das azeitonas que se encontram na parte superior da árvore, o que se torna muito limitante, na medida em que as pessoas que realizam este trabalho têm idades avançadas e têm dificuldade em subir às árvores com segurança.

Em anos de pouca produção, é seguro afirmar que o produto recolhido não cobre o custo da mão-de-obra deste processo, a não ser que se trate de um produto diferenciado e possa ser vendido a preços muito mais elevados (tal como acontece com os vinhos provenientes de vinhas velhas).



Figuras 90 e 91. Colheita manual tradicional (varejamento), em olivais no concelho de Vila Flôr

Fotos por: Paulo Guedes



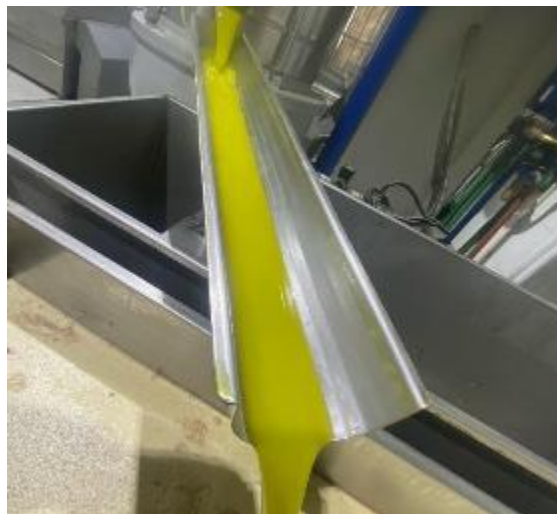
Figuras 92 e 93. Apanha mecânica com vidrador ligado ao trator (esq.) e com vibrador de dorso (dir.), em olivais no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 94. Entrega de azeitona em lagar do concelho de Valpaços

Foto por: Paulo Guedes



Figuras 95 e 96. Produto final, o azeite – “ouro líquido”, em lagar no concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

Tal como indicado no Boletim do mês anterior, os calibres da azeitona de conserva na principal zona de produção do Douro Sul – Freixo de Espada-à-Cinta e concelhos limítrofes – são este ano muito baixos, comprometendo a sua utilização para esta finalidade. Mantém-se as previsões de quebra de produção na ordem dos 40-50%.

A azeitona que não tiver aproveitamento para conserva será encaminhada para os lagares, onde se dá a sua conversão em azeite.

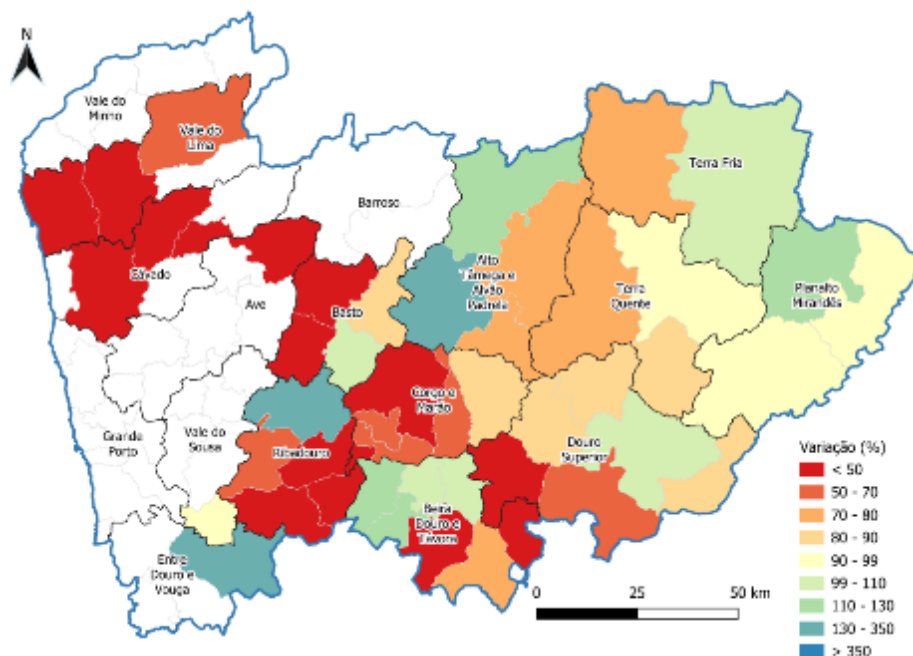
À semelhança de outras regiões, este ano regista-se uma grande heterogeneidade na produção de azeitona, pois algumas árvores têm muito fruto e outras têm pouco ou nenhum.



Figura 97. Redes usadas durante a colheita de azeitona (neste caso manual), 19.11.2025, Valdigem – Lamego

Foto por: Suzana Fonseca

A colheita já teve início e encontramos, um pouco por todo o lado, as tradicionais redes e lonas distribuídas pelos olivais, para recolha da azeitona varejada (ver foto 97).



Mapa 6. Evolução da produção da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

9 Prados, pastagens e culturas forrageiras

9.1 Entre Douro e Minho



Figura 98. Animais em pastoreio, Aguiã – Arcos de Valdevez, zona de observação do Vale do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 99. Pequenos ruminantes a pastorear na vinha no período de dormência, Barcelos, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

As espécies que compõem prados e pastagens tiveram bom desenvolvimento, graças à humidade e às temperaturas amenas.



Figura 100. Milho forrageiro ainda por colher, Mozelos – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 101. Silagem devidamente armazenada, Carreço – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 102. Azevém forrageiro com bom desenvolvimento vegetativo, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Estão concluídas as sementeiras das forragens de outono/inverno. A emergência foi boa e as plantas estão numa fase inicial do desenvolvimento, com cerca de 10cm de altura. A grande quantidade de precipitação ocorrida nas últimas semanas tem causado saturação e encharcamento em algumas parcelas com piores condições de drenagem e, consequentemente, alguma dificuldade de germinação e/ou desenvolvimento vegetativo.

Há abundância de alimento para o pastoreio animal nos baldios e mantêm-se idêntico o contributo das rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.



Figuras 103 e 104. Desenvolvimento vegetativo de ferrãs – à esquerda em germinação, Vila Verde, e à direita semeadas mais cedo, Barcelos, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

9.2 Trás-os-Montes

As pastagens permanentes, popularmente designadas por “lameiros”, apresentam – de forma semelhante e um pouco por toda a região – uma melhoria do seu estado vegetativo. A vegetação herbácea apresenta gradualmente um restabelecimento do desenvolvimento vegetativo e algumas pastagens voltam a providenciar alimento aos animais, praticamente como era possível nos meses anteriores ao verão. As cores de outono estão presentes por toda a zona de observação, mas os tons verdes, sejam das herbáceas espontâneas, sejam dos cereais recém germinados, já se fazem realçar.



Figuras 105 a 107. Mesma parcela de lameiro em 11.11.2024 (esq.), 10.10.2025 (centro) e em 11.11.2025 (dir.), Brunhosinho – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

A sementeira da aveia para forragens ainda não está totalmente concluída, ora devido ao período seco que se atravessou, ora devido às semanas de chuva que se fizeram sentir.



Figuras 108 e 109. Mesma parcela de pastagem, 13.10.2025 (esq.) e 11.11.2025 (dir.), onde é evidente o desenvolvimento vegetativo das herbáceas, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No entanto, e embora um pouco atrasada face a igual período do ano anterior, a aveia já germinada apresenta um bom estado vegetativo, graças ao binário humidade nos solos/temperaturas “amenas” (menos frias) que se fizeram sentir.



Figura 110. Preparação de parcela com (nova) mobilização de terras, seguida de imediato por sementeira de aveia para forragem (o atraso ficou a dever-se ao período de chuvas registado), 11.11.2025, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

As pastagens permanentes de regadio e de sequeiro oferecem boas condições para a prática do pastoreio, com exceção dos lameiros de aluvião, que à data estão encharcados. O estrato herbáceo apresenta ótimo desenvolvimento vegetativo e nos dias solarengos é frequente observar os diferentes efetivos pecuários em pastoreio (ver fotos 111 e 112).



Figura 111. Ovinos em pastoreio numa pastagem permanente, Sobreiró de Baixo, Vinhais

Figura 112. Bovinos mirandeses em pastoreio, Izeda – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

As cores de outono predominam na paisagem da Terra Fria, contrastando com as pastagens, forragens e culturas cerealíferas, que nesta altura do ano assumem um verde muito intenso.

Também as culturas forrageiras se apresentam com um bom desenvolvimento vegetativo, de onde destacamos a aveia (ver foto 113) e o nabo forrageiro, favorecido pelas condições meteorológicas no decurso da sua instalação e na fase de germinação.



Figura 113. Aveia forrageira em início de germinação, Fermentãos – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

O tempo ameno que se fez sentir até meados do mês e a disponibilidade hídrica dos solos favoreceram o desenvolvimento do nabo forrageiro (quer da parte aérea, quer da parte radicular) e as plantas estão tenras, começando a ser disponibilizadas aos efetivos pecuários.

As pastagens de outono/inverno da Terra Quente já foram semeadas e as temperaturas amenas da primeira quinzena de novembro foram favoráveis a uma boa germinação.

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Ano Agrícola 2024/2025

Tabela 1. Evolução da produção do milho grão de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão	
	%	†
Entre Douro e Minho	96	74 307
Ave	86	10 323
Basto	84	4 017
Cávado	99	22 220
Entre Douro e Vouga	90	4 630
Grande Porto	90	5 404
Ribadouro	103	6 087
Vale do Lima	98	5 527
Vale do Minho	99	2 992
Vale do Sousa	105	13 107
Trás-os-Montes	98	6 065
A. Tâmega e Alvão P.	99	2 986
Barroso	100	1 331
Beira Douro e Távora	92	210
Corgo e Marão	99	233
Douro Superior	96	202
Planalto Mirandês	95	587
Terra Fria	105	209
Terra Quente	90	308
Região Norte	96	80 372

Tabela 2. Evolução da produção do kiwi, comparativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi	
	%	†
Entre Douro e Minho	113	25 803
Ave	115	3 220
Basto	104	977
Cávado	110	5 029
Entre Douro e Vouga	106	1 135
Grande Porto	118	3 643
Ribadouro	110	1 865
Vale do Lima	112	671
Vale do Minho	170	1 315
Vale do Sousa	110	7 948
Trás-os-Montes	94	45
A. Tâmega e Alvão P.	92	5
Beira Douro e Távora	92	11
Corgo e Marão	100	14
Douro Superior	90	7
Terra Quente	90	8
Região Norte	113	25 848

Tabela 3. Evolução da produção da avelã, castanha e noz, comparativamente ao ano anterior

Localização	Avelã		Castanha		Noz	
	%	†	%	†	%	†
Entre Douro e Minho	101	7	101	966	103	184
Ave	107	2	78	21	100	38
Basto	100	2	109	12	106	5
Cávado	95	1	95	105	95	32
Entre Douro e Vouga	110	0	110	76	110	11
Grande Porto	0	0	101	30	105	3
Ribadouro	97	1	110	430	106	59
Vale do Lima	100	1	88	197	98	13
Vale do Minho	0	0	100	54	100	0
Vale do Sousa	100	0	110	41	110	22
Trás-os-Montes	103	150	124	25 201	98	886
A. Tâmega e Alvão P.	93	23	354	8 019	97	154
Barroso	0	0	100	217	100	2
Beira Douro e Távora	98	19	82	2 382	96	42
Corgo e Marão	100	2	95	288	100	22
Douro Superior	93	4	99	420	97	70
Planalto Mirandês	100	55	95	1 552	95	112
Terra Fria	134	37	95	11 148	103	328
Terra Quente	80	9	128	1 175	94	156
Região Norte	103	157	123	26 167	99	1 069

Tabela 4. Evolução da produtividade de azeitona de mesa e azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho			263	560
Ave			100	9
Basto			162	57
Cávado			392	32
Entre Douro e Vouga			1 048	75
Grande Porto			300	0
Ribadouro			308	196
Vale do Lima			196	153
Vale do Minho			198	11
Vale do Sousa			404	28
Trás-os-Montes	64	2 961	74	78 984
A. Tâmega e Alvão P.	65	1	70	9 290
Barroso			100	1
Beira Douro e Távora			98	4 899
Corgo e Marão			93	3 938
Douro Superior	60	2 485	76	14 237
Planalto Mirandês	95	454	95	9 103
Terra Fria	95	7	85	4 332
Terra Quente	71	14	65	33 185
Região Norte	64	2 961	74	79 544

Tabela 5. Evolução da produção de uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho / Vinho	
	%	hl
Entre Douro e Minho	104	1 536 347
Ave	111	617 600
Basto	98	190 698
Cávado	105	95 509
Entre Douro e Vouga	195	7 073
Grande Porto	100	25 222
Ribadouro	90	118 457
Vale do Lima	110	132 880
Vale do Minho	111	148 037
Vale do Sousa	90	200 871
Trás-os-Montes	71	932 462
A. Tâmega e Alvão P.	92	49 139
Barroso	100	517
Beira Douro e Távora	87	172 914
Corgo e Marão	69	348 268
Douro Superior	64	286 409
Planalto Mirandês	100	35 599
Terra Fria	80	10 692
Terra Quente	47	28 924
Região Norte	88	2 468 809

Ano Agrícola 2025/2026

Tabela 6. Evolução da área semeada de aveia para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia	
	%	ha
Entre Douro e Minho	99	134
Ave	100	34
Basto	100	16
Cávado	100	23
Entre Douro e Vouga	100	18
Grande Porto	100	12
Ribadouro	100	8
Vale do Lima	93	4
Vale do Minho	92	11
Vale do Sousa	100	9
Trás-os-Montes	100	2 058
A. Tâmega e Alvão P.	100	92
Barroso	100	24
Beira Douro e Távora	100	12
Corgo e Marão	100	4
Douro Superior	100	45
Planalto Mirandês	100	1 034
Terra Fria	100	423
Terra Quente	100	424
Região Norte	100	2 193